

UM RITUAL PARA A CORPORREATIVAÇÃO

Resumo: O presente artigo se propõe a tentar fazer de si uma situação que funcione como uma *realização experimental* (STENGERS, 2017) onde o conceito de corporreativação possa atuar como parceiro na invenção de si mesmo. Tomando como guias três obras de gêneros, épocas e lugares distintos – um ensaio sobre a relação entre mulheres e ficção de Virginia Woolf, *A room of one's own* (2007), publicado pela primeira vez em 1929; um manual de bruxaria da bruxa e ativista Starhawk, *The Spiral Dance* (1999), publicado pela primeira vez em 1979; e um ensaio da filósofa das ciências Isabelle Stengers, *Reativar o animismo* (2017), publicado originalmente em 2012; se busca criar um método de trabalho em que seja possível encontrar a corporreativação em seu próprio meio – a ficção. Também serão convidadas como parceiras de experimentação algumas poetisas que vieram ao encontro dessa escrita invocadas nos rituais de corporreativação dos quais a autora deste trabalho vem tomando parte desde abril de 2018.

Palavras-chave: Realização experimental. Corporreativação. Bruxaria. Mulheres. Ficção.

Abstract: This article proposes to try to make of itself a situation that works as an *experimental achievement* (STENGERS, 2017) where the concept of *corporreativação* – something like a body-reclaiming – can act as a partner in the invention of itself. Taking as guides three works of different genres, epochs and places - an essay on the relationship between women and fiction by Virginia Woolf, *A room of one's own* (2007), first published in 1929; a witchcraft manual by the witch and activist Starhawk, *The Spiral Dance* (1999), first published in 1979; and an essay by science philosopher Isabelle Stengers, *Reclaiming Animism* (2017), originally published in 2012; it seeks to create a working method in which *corporreativação* can be found in its own medium - the fiction. Also invited as experimental partners are some poets who came to the meeting of this writing invoked in the rituals of *corporreativação* of which the author of this work has been taking part since April 2018.

Keywords: Experimental achievement. Reclaiming. Witchcraft. Women. Fiction.

Esta é uma escrita que se propõe a vir a ser um lugar de encantamento. Não apenas ao que figurativamente poderia dar a sensação de um deslumbre a quem dela participa, mas também ao que para uma bruxa seria um ato de *transformar a consciência pela vontade*¹. Um ritual onde a ficção possa funcionar como uma força capaz de lançar feitiços sobre os corpos de todas as formas de vida envolvidas, tomando peles, palavras e papel como superfícies onde se deseja permitir-se trocar afetos e promover um trabalho de cura das feridas decorrentes dos atos de desamor que cada uma de nós pode ter sofrido pelos caminhos que percorremos até aqui.

Tem-se por guia nesta realização mágica o encontro entre três obras. O ensaio da filósofa das ciências Isabelle Stengers (2017) nomeado *Reativar o animismo*, do qual os conceitos de *parceria*, *realização experimental* e *reativação* vieram provocar este trabalho, o manual de

¹ FORTUNE, Dione. apud Starhawk. 1999. pág. 38, tradução minha.

bruxaria *The Spiral Dance*, da bruxa e ativista Starhawk (1999), que convoca a uma linha específica de caminhar pela Arte – a tradição *Reclaiming*², na qual a prática da magia e o ativismo político estão constantemente entrelaçados e o ensaio *A room of one's own*, da escritora Virginia Woolf (2007), de onde herdamos as relações entre mulheres, ficção, literatura e feminismo. Ver-se-á que estes três guias trarão com eles alguns valorosos acompanhantes que nos darão o prazer de suas presenças ao longo dos acontecimentos.

Dentro da *Reclaiming*, se partindo do princípio da imanência do divino, se entende que a Terra está viva e todas as formas de vida são sagradas e estão interconectadas. Assim, não se vê sentido na manutenção de qualquer tipo de hierarquia ou separação categórica de papéis e dar a cada ser iguais direitos de afetar os trabalhos mágicos (e a sociedade e a economia e a política...) torna-se um modo de honrar o divino e compartilhar poder. Durante esta escrita, se vai buscar um método que bem como todos os métodos praticados na *Reclaiming* seja radicalmente cooperativo e participativo. Isso vem ao encontro do conceito de parceria defendido por Stengers onde, através da criação de uma situação na qual aquilo de que a pesquisa vai tratar seja admitido como *parceiro* nela, este tenha poder de desafiar quem pesquisa e questionar seus métodos e suas perguntas, pondo à prova a relevância das questões inicialmente formuladas.

A este tipo de situação em que a parceria se torna possível, Stengers dá o nome de *realização experimental* e explica que o objetivo de quem se lança a um empreendimento desses não deve ser a validação de definições fechadas sobre o objeto estudado, mas sim à formulação de novas perguntas que possam alimentar novas pesquisas. Estou apostando que o presente artigo devindo ritual possa se tornar esse lugar de desafio, em que todos os seres presentes possam atuar em perfeito amor e perfeita confiança, sem o que, de acordo com a tradição que estamos seguindo, não se consegue elevar o cone de poder e realizar a plena potência do trabalho mágico.

Para o acontecimento desta escrita encantada é preciso que se convide um pequeno grupo de mulheres que se disponham a experimentar um procedimento que passo a chamar aqui de uma *corporreativação* – uma ação de *reativar* (STENGERS, 2017) pelo meio de um corpo que devém escrita. Segundo Stengers,

² Para informações mais completas sobre os princípios dessa Tradição, ver: <https://reclaiming.org/principles-of-unity/> (texto original em Inglês). Acessado em 30/01/19.

Reativar significa reativar aquilo de que fomos separados, mas não no sentido de que possamos simplesmente reavê-lo. Recuperar significa recuperar a partir da própria separação, regenerando o que a separação em si envenenou. Assim, a necessidade de lutar e a necessidade de curar, de modo a evitar que nos assemelhemos àqueles contra os quais temos de lutar, tornam-se irremediavelmente aliadas. Deve-se regenerar os meios envenenados, assim como muitas de nossas palavras, aquelas que – como “animismo” e “magia” [e aqui ousou acrescentar “mulher”, “corpo” e “ficção”] – trazem com elas o poder de nos tornar reféns: você realmente acredita em...?

(STENGERS, 2017, pág. 08)

Note-se que Stengers empresta este verbo precisamente da tradição de bruxaria fundada pela comunidade mágica de Starhawk. No ensaio, originalmente escrito em Inglês³, o verbo por ela utilizado é justamente *to reclaim*, e ela explica que o aprendeu com esse grupo de bruxas. Então, assume-se aqui que dentro do conceito de reativação se encontra uma complexidade de sentidos⁴ herdada da própria palavra que originou o termo e dos significados atribuídos a ela dentro do *Reclaiming Collective*⁵. Espera-se que essa complexidade também afete o que estou chamando de corporreativação.

Algumas escritoras generosamente aceitaram o convite para este ritual e já se fazem presentes comigo. Porém, antes de seguirmos e de tentarmos elaborar mais profundamente o conceito que *pulsante, ainda que imperfeito, quer nascer* (HILST, 2004), é preciso que se dê ouvidos a uma sábia advertência de Virginia Woolf (2007), a fim de que possamos adentrar a ficção sem correremos riscos desnecessários:

É preciso que verifiquemos se entre nós não se encontra escondida, atrás de alguma cortina, mobília ou entrelinha, qualquer censura que possa nos impedir de nos entregarmos (em perfeito amor e perfeita confiança) ao jogo mágico proposto pela ficção. Para tanto, faremos agora um acordo de banimento⁶. Em parceria com Despret e Stengers (2014), aceitaremos desde já que o quê quer que façamos juntas, entenderemos como apenas uma *versão* a respeito do que pode uma relação entre bruxaria, mulheres e escrita. Isso significa abrimos mão de estabelecer a verdade sobre o que essa relação é e também abdicarmos de tentar provar definitivamente qualquer coisa (afinal, estamos nos propondo a uma realização

³ Para o texto original do ensaio em Inglês: <https://www.e-flux.com/journal/36/61245/reclaiming-animism/> . Acessado em 30/01/19.

⁴ Em Inglês, o verbo *to reclaim* possui múltiplos sentidos além do escolhido pela tradução do artigo, tais como recuperar, regenerar, reivindicar e reaver, sendo estes dois últimos usados com conotação política, inclusive pelo coletivo de bruxas fundado pelo grupo de Starhawk.

⁵ Nome originalmente escolhido pelo grupo de bruxas fundadoras.

⁶ Na bruxaria, limpeza energética e espiritual do espaço que será utilizado durante um trabalho mágico.

experimental...). Que esta escrita seja apenas uma escrita entre muitas. Que cada uma de nós seja apenas mais uma escritora. Uma mulher. Uma bruxa. Assim procedendo, nos libertamos da necessidade de julgamentos e de pretensões que poderiam nos levar a questionar o que *realmente* estamos fazendo.

Há mais uma condição. É preciso que você que lê também se junte a nós e vibre conosco cada uma das palavras desse jogo e aceite na sua própria pele os riscos dessa troca de afetos. Nós aceitamos ser afetadas por você. Aceitamos que você também questione nossos métodos e a relevância das nossas perguntas. Sobretudo, aceitamos que você nos ajude a formular perguntas novas e outras versões desses acontecimentos.

Agora lançaremos ao nosso redor um círculo mágico, pois aprendemos com Starhawk (1999) que é preciso proteger com certos limites o cone de poder que vamos erguer. Para que, assim como nós, essa escrita possa respirar todas as potências do Ar e ganhe liberdade para pensar por si mesma. Para que tenha seu espírito desperto pelo entusiasmo do Fogo e seja corajosa e transformadora. Para que possa ter suas emoções purificadas pela Água e possa nascer sem culpa. Para que se deite na Terra escura sob as estrelas e tenha um corpo saudável e vigoroso. Nós invocamos de todas as Direções as potências da ficção. Para que possamos estar com a corporreativação em seu próprio terreno, sem correremos o risco sobre o qual nos alerta Stengers (2017) de tirá-la do meio do qual ela depende para viver. Vamos encontra-la no espaço além do espaço e no tempo além do tempo – como crianças solenemente entregues aos seus fazeres-de-conta.

Então, como nos conta Mary Carmichael⁷, é possível que Chloe ame Olívia. E nós não precisamos enrubescer mais por isso, pois já sabemos que felizmente essas coisas acontecem desde que o mundo é mundo. Aliás, é possível que cada uma das personagens dessa nossa história ame e cure quem ela quiser, do jeito que se sentir melhor fazendo. É possível que cada uma de nós reative em si o desejo de escrever de Judith⁸, a irmã escritora que Shakespeare não pode ter porque a sociedade elisabetana não teria permitido que uma mulher escrevesse profissionalmente (se desse a sorte de ao menos ter sido alfabetizada...). E também, apesar de termos adentrado os “portões sagrados da universidade”⁹, é possível que

⁷ Personagem escritora de uma obra de ficção criada por Virginia Woolf (2007)

⁸ Personagem criada por Woolf (2007) que teve um fim trágico por querer ser escritora numa época em que isso não era permitido às mulheres.

⁹ Termo cunhado por Woolf (2007) em seu ensaio *Three Guineas* e reativado por Despret e Stengers (2014) para designar a imagem constituída pela sociedade patriarcal a respeito do espaço das universidades, que não era, em sua origem, acessível às mulheres. Despret, Stengers e as demais acadêmicas por elas convidadas na obra

nos recusemos a viver (e escrever) austeramente do modo que Mary Seton¹⁰ foi obrigada a fazer quando as primeiras mulheres foram toleradas na academia. Nós podemos *fazer barulho* como Despret e Stengers (2004) nos propõe. Podemos deixar um conceito recém-nascido vir brincar.

Redescobrir esse estado lúdico é um passo importante para quem se dedica a aprender os caminhos da Arte. Na brincadeira, mais do que a suspensão temporária das inibições e limitações do que corriqueiramente chamamos de realidade, está a possibilidade de imaginar e, à maneira de Adélia Prado, inaugurar linhagens e fundar reinos onde as nossas dores possam deixar de ser amargura. Lugares onde possamos nos descobrir desdobráveis. Onde sejamos como a praia da poesia de Sophia Andresen (2015), na qual o tempo encontra a própria liberdade:

Aqui nesta praia onde
Não há nenhum vestígio de impureza,
Aqui onde há somente
Ondas tombando ininterruptamente,
Puro espaço e lúcida unidade,
Aqui o tempo apaixonadamente
Encontra a própria liberdade.
(ANDRESEN, 2015)

A partir daqui, fica combinado que *não há nada que a nossa voz não abra – nós somos as bruxas da palavra* (HORTA, *on line*). Convido minhas parceiras nesse ritual a falarem livremente sobre a corporreativação, expirando amor e ar sobre as ventas dela, como nos recomenda Hilda Hilst (2004) que se faça a um poema que acabou de vir ao mundo.

Sobre o problema da linhagem, Safo (*on line*) vem relembrar que a corporreativação nasceu de um encontro entre o meu desejo e o desejo de uma poesia dela – *A uma mulher amada* – que nos levou a um ritual onde mulheres deram seus corpos ao corpo dessa poesia e essa intensa troca de afetos gerou, de peles e palavras, a cria aqui em questão. Sendo assim, penso

Women who make a fuss – the unfaithful daughters of Virginia Woolf, questionam até que ponto esse espaço se abriu para as mulheres, quando lhes permitiu o acesso físico às suas dependências e cursos.

¹⁰ Personagem criada por Woolf (2007), que, sendo uma acadêmica no início do séc. XX numa faculdade para moças na Inglaterra, leva com suas alunas uma vida bastante diferente da vida confortável e abundante de seus colegas acadêmicos do sexo masculino.

que seja adequado dizer que a corporreativação é filha da poesia, tanto quanto da mulher. É justo que o seu sobrenome seja poético e também feminino. Talvez sáfico.

Por ser nossa criança filha da poesia, me parece possível que, além de usar os métodos de Hilda Hilst para lhe insuflar ânimo, como antes essa poeta sugeriu que se fizesse, fica possível que usemos também os métodos de Ana C. para lhe indagar sobre a natureza desse corpo:

Olho muito tempo o corpo de um poema
até perder de vista o que não seja corpo
e sentir separado dentre os dentes
um filete de sangue
nas gengivas.

(CESAR, 2016).

Observando a materialidade da corporreativação e sentindo-lhe o gosto, se nota que ela é composta de carne jubilosa, como o seu meio-irmão-poema de Hilst (2004). É doce como a maçã muito rubra que apenas Safo (*on line*) pode atingir e colher. Feita de versos livres e palavras errantes, ela se move harmoniosamente até em meio ao caos da avidez das canetas, como uma aluna graciosa de Isadora Duncan. Certamente tem as asas *feitas de cristal de rocha da memória* das mulheres de Maria Teresa Horta (*on line*). Mas não podemos nos esquecer de que a criança é também filha de mulheres de carne, osso, pele e desejo e que o corpo dela traz as sensações de cada uma dessas mães que ela já teve. O contato com um estudo sobre a *História das mulheres no Brasil*, organizado pela historiadora Mary Del Priore (2015) nos indica que, graças à sua ancestralidade, a corporreativação deve ser dotada de muita capacidade de transformação e regeneração. Porém, havemos de tocá-la com respeito e muito cuidado, alertadas sobre possíveis mutações genéticas causadas pela necessidade de adaptação de suas ancestrais a ambientes muito hostis. Entendemos que há muitas lembranças de paixões, lutas, proibições, aprisionamentos e dores em cada uma das suas células, logo, há que se evitar perto dela qualquer gesto agressivo. É nosso desejo que ela só venha a gemer e gritar nas nossas mãos se for de prazer.

Além da questão do corpo, há ainda a do espírito. Stengers e Starhawk reivindicam essa herança da relação entre elas duas. É justo, uma vez que a corporreativação só pode se tornar verbo graças a elas. Aqui é preciso retomar a complexidade anteriormente referida do seu verbo ancestral, reativar, para podermos fabular o que pode vir a ser corporreativar. Tomando que corporreativar seja uma possibilidade de reativar esse corpo gerado na relação entre mulheres e poesia, podemos imaginar que a corporreativação tenha a capacidade de não apenas refazer os caminhos que tornaram essa relação possível, mas também a de curar feridas que ambas, mulheres e poesia, possam ter sofrido no percurso e durante o tempo em que estiveram separadas. Por ter conhecido muito bem as dificuldades que acompanharam os

encontros entre mulheres e escrita e por ter sido a guia que tornou possível irmos ao meio do qual a corporreativação depende para viver – a ficção – convidamos para sua madrinha espiritual a escritora Virginia Woolf.

Sabendo que seu reino é um ritual de ficção, conhecendo sua linhagem e a natureza de seu corpo e de seu espírito, creio que já possamos ouvir o que a corporreativação tem a dizer sobre si mesma, embora eu me pergunte, com Hilst (2004), *se a perfeição não seria o não dizer e deixar quietadas as palavras nos noturnos desvãos*. Pois, vejamos, “O que a corporreativação tem a dizer sobre si mesma?” pode ser justamente uma daquelas perguntas que a realização experimental na qual nos lançamos está provando não ser relevante. Talvez seja mais efetivo perguntar como ela funciona, ou o que é necessário mobilizar para que ela aconteça.

Por experiência, sabemos que é necessário reunir um pequeno grupo de mulheres que se disponham a reativar uma relação entre seus corpos e o corpo de uma ou mais poesias. Sabemos que é preciso realizar um ritual de invocação poética para alcançarmos o estado da ficção, pois a corporreativação não acontece isolada do seu meio original. Sabemos que para sustentar este meio, é preciso que todos os seres que estiverem partilhando conosco do espaço delimitado pelo círculo mágico estejam lá em perfeito amor e perfeita confiança, assumidos como parceiros de realização. E sabemos que este é um ritual em que as bruxas devem usar canetas de ponta macia ao invés de athames¹¹.

Há, no entanto, um mistério que permanece a respeito do funcionamento da corporreativação e que vamos tentar convencê-la a nos explicar agora. Por nenhum motivo prático aparente, a corporreativação leva as envolvidas a escreverem nos corpos umas das outras ao invés de escreverem em si mesmas. Não que não fosse possível cada uma escrever em si mesma... Seria! É sabido que uma mulher consegue muito bem tocar com a sua própria mão diversas partes do seu próprio corpo (para terror dos fiscais de moralidade). Mas, como o famoso escritor personagem de Melville, Bartleby, a corporreativação *preferiria* que isso não acontecesse – embora, certamente, não por qualquer preocupação moral. E até aqui, todas as envolvidas concordaram com ela sempre e obedeceram, felizes e sem conflitos, a regra de buscarem o corpo das outras como suporte.

É possível que o encantamento do ato de corporreativar deva suas origens mágicas à poesia da Safo que ajudou a lhe dar corpo e, por isso, do desejo por uma pele além da sua própria dependa o cone de poder que se ergue nestes rituais:

Ditosa que ao teu lado só por ti suspiro!

Quem goza o prazer de te escutar,

quem vê, às vezes, teu doce sorriso.

¹¹ Objeto mágico, espécie de punhal comumente utilizado pelas bruxas para “riscar” no ar símbolos mágicos, colher ervas e partir alimentos, dentre outras funções ritualísticas.

Nem os deuses felizes o podem igualar.

(SAFO, *on line*)

No mais, há um certo erotismo, um desejo de se entregar ao amor do mundo, tanto na poesia, quanto na bruxaria. E tanto na poesia, quanto na bruxaria, o mundo não é uma abstração – muito pelo contrário! O mundo é feito de muitos seres e palavras, muitos corpos que pulsam, vibram, respiram, desejam, fluem, permanecem, se desfazem, ficam e passam na *dança cósmica do encanto* (MEIRELES, 1982). Assim, tomar a pele de outra mulher num ato mágico, ao mesmo tempo em que se tem a sua própria pele tomada por outra mulher ainda, pode ser um jeito de enredar a todas nessa dança erótica graciosa e sagrada, potencializando o efeito de cura. Também pode ser um convite a que nós nos perguntemos quais são as distâncias entre as nossas peles e as peles das outras – e brinquemos de superá-las.

Afinal, não seria o amor um excelente tratamento para curar as feridas causadas pelo desamor com que fomos (e continuamos sendo) tratadas por boa parte da sociedade? Se ao longo dos milênios de relação com a escrita esse desamor nos arrancou pedaços de dignidade, de auto respeito, de liberdade criativa, de produção intelectual, de autoestima, de alegria de viver... Se esse desamor tirou de nós até o direito sobre nossos próprios corpos... Onde mais do que no nosso amor próprio e no amor de outras como nós poderíamos encontrar ajuda para regenerar o que foi partido? Não apenas no amor erótico – apesar de reconhecermos suas belas potências. Mas no amor presente no olhar que apoia e admira com respeito, no amor do toque gentil e cuidadoso, no amor que reconhece a outra como parceira... No amor de quem abraça uma oportunidade de se divertir e de se entregar a um prazer desinteressado que tantas vezes lhe foi negado, sem precisar temer julgamentos e punições.

A corporreativação é assim amorosa e coletiva. Em seus rituais, ela propicia que uma mulher ame e cure a si mesma amando e ajudando a curar outras mulheres. Tomando a escrita de outra como nossa e nos entregando a essa escrita para nos tornarmos dela. Lembrando que na bruxaria a Deusa está presente em cada mulher e que *Ela transforma tudo o que Ela toca e tudo o que Ela toca se transforma*¹²... E tudo que foi morto renasce, tudo o que se degenerou se regenera...

Uma última particularidade da corporreativação que parece justo que se registre com mais clareza – assim como a elevação de um cone de poder, corporreativar leva a uma forma de êxtase sagrado. Ao serem completamente tomadas pelas escritas umas das outras, todas as envolvidas experimentam um prazer indizível, semelhante ao descrito na poesia de Safo da qual a corporreativação foi gerada:

Sinto um fogo sutil correr de veia em veia
por minha carne, ó suave bem querida,
e no transporte doce que a minha alma enleia

¹² Cântico tradicional da bruxaria, citado por Starhawk (1999) “*She changes everything She touches, and everything She touches, changes*”. Pág. 38. Tradução minha.

eu sinto asperamente a voz emudecida.

Uma nuvem confusa me enevoa o olhar.

Não ouço mais. Eu caio num langor supremo;

E pálida e perdida e febril e sem ar,

um frêmito me abala... eu quase morro... eu tremo.

(SAFO, *on line*)

Assim, nada mais, no momento, será possível dizer, nem sobre a corporreativação, nem sobre coisa alguma... Só é possível recolher o cone de poder que elevamos, devolver os excessos de energia mobilizada para o centro da Terra e recolher as raízes e ramas que lançamos a fim de nos conectarmos com tudo o que vive.

Então, nós agradecemos amorosamente as potências da ficção e as devolvemos às quatro Direções, juntamente com os poderes dos Elementos. Vão em paz! Abençoados sejam!

Agradeço também a cada uma das escritoras que generosamente aceitaram este convite e me acompanharam nessa aventura de escrita. Espero ter honrado a participação de cada uma. Para mim, foi um feliz encontro e eu lhes desejo uma feliz partida!

Um ritual *Reclaiming* tradicionalmente termina com a partilha de alimentos. Isso ajuda a repor as forças despendidas no trabalho mágico e também serve para dar tempo às bruxas de fazer uma transição mais suave entre o espaço do ritual e o espaço da vida cotidiana. Então, é preciso agora compreender quais são os frutos que esse artigo-ritual deixou para nutrir quem dele tomou parte.

Dadas as transformações que a própria corporreativação exigiu da produção dessa escrita, considero bem sucedida a aposta de fazer com um ritual *Reclaiming* uma realização experimental, como conceituada por Stengers (2017). Da mesma forma, acredito que todas as formas de vida que aqui tomaram parte o tenham feito em perfeito amor e perfeita confiança, como minhas parceiras, pois todas deixaram contribuições expressivas no corpo que escrevemos juntas.

Talvez você, que veio conosco até aqui nessa leitura, esteja ainda querendo nos indagar algo. Mas note – está combinado desde o início que nós não buscaríamos respostas definitivas. Como havíamos acordado, nesse trabalho mágico todos os seres envolvidos teriam iguais liberdade e poder, não apenas para formular perguntas, mas também para ajudar a inventar respostas. Inclusive você.

Espero que a leitura desse artigo tenha lhe dado algum prazer e alguma vontade de voltar a se embrenhar pela ficção atrás da poesia e de outras escritas.

Como se diz na bruxaria, feliz encontro e feliz partida!

Referências

- ANDRESEN, S. de M. B. Procelária. In:_____ **Obra Poética**. Porto, Portugal: Porto Editora, 2015.
- CESAR, A. C. Olho muito tempo o corpo de um poema. In:_____ **A teus pés**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- DESPRET, V.; STENGERS, I. *et al.* **Women who make a fuss: the unfaithful daughters of Virginia Woolf**. 1ª ed. Minneapolis, EUA: Univocal Publishing, 2014.
- ESPANCA, F. Livro de Mágoas – Eu. In:_____ **Sonetos**. Amadora, Portugal: Bertrand, 1978.
- HILST, H. Amavisse – XIX. In: _____ **Do desejo**. São Paulo: Globo, 2004.
- HORTA, M. T. Anjos mulheres. Disponível em: <<https://www.portaldaliteratura.com/poemas.php?id=1169>>. Acesso em 30 jan. 2019.
- MEIRELES, C. Deus dança. In:_____ **Viagem: vaga música**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- PRADO, A. Com licença poética. In:_____ **Bagagem**. São Paulo: Siciliano, 1993.
- SAFO. O amor. A uma mulher amada. In:_____ **Poemas**. Disponíveis em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ph000390.pdf>>. Acesso 30 jan. 2019.
- STARHAWK. **The Spiral Dance: a Rebirth of the Ancient Religion of the Great Goddess**. 3ªed. Nova Iorque, EUA: HarperCollins, 1999.
- STENGERS, I. Reativar o Animismo. Caderno de Leituras, n.62, maio 2017. Disponível em: < <http://chaodafeira.com/catalogo/caderno-n-62-reativar-o-animismo/>>. Acesso em 30 jan. 2019.
- WOOLF, V. *A room of one's own*. In: _____ **Selected Works of Virginia Woolf**. Hertfordshire, Inglaterra: Wordsworth Editions Limited, 2007.
- WOOLF, V. *Three Guineas*. In: _____ **Selected Works of Virginia Woolf**. Hertfordshire, Inglaterra: Wordsworth Editions Limited, 2007.